

Música Clássica em Portugal

Universidade de Aveiro

Guilherme Graça, Nelson Ramos



VERSÃO 1

Música Clássica em Portugal

Dept. de Eletrónica, Telecomunicações e Informática

Universidade de Aveiro

Guilherme Graça, Nelson Ramos

(115876) guilhermegraca@ua.pt, (124921) nelsonramos@ua.pt

29 de novembro de 2024

Resumo

A **Música Clássica (MC)** desempenha um papel central na cultura portuguesa, refletindo séculos de desenvolvimento artístico e influências internacionais. Desde a Idade Média, o panorama musical em Portugal tem evoluído, passando pela rica polifonia renascentista, o esplendor barroco com compositores como Carlos Seixas, e a introdução de formas modernas nos séculos XIX e XX, como as óperas de Marcos Portugal e as sinfonias de João Domingos Bomtempo. Hoje, instituições como a Fundação Gulbenkian, a Casa da Música (CM) e várias **orquestras e Bandas Filarmónicas (BFs)** perpetuam esta tradição, equilibrando inovação e preservação cultural.

Entre as principais orquestras destacam-se a Orquestra Gulbenkian, referência na difusão de repertórios diversos; a Orquestra Filarmonia das Beiras e a Orquestra Sinfónica da Casa da Música, com forte vocação contemporânea. Estas instituições, além de elevarem o nível artístico nacional, promovem o ensino musical e o acesso à arte.

As BFs complementam este cenário com um papel educativo e social profundo, especialmente em contextos locais. Estruturas como a Banda Sinfónica da Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca (ARMAB), a União Filarmonica do Troviscal e a Sociedade Musical Fafense – Banda de Golães exemplificam a relevância destas entidades. Mantêm vivas tradições seculares, ao mesmo tempo que exploram novos repertórios e participam em concursos de renome.

Este trabalho destaca a importância das orquestras e bandas como guardiãs da identidade musical portuguesa, explorando a interseção entre tradição, inovação e educação. Tal abordagem evidencia o papel da MC e filarmónica como motores culturais no país, conectando gerações e promovendo a criação artística em escalas local e global.

Índice

1	Introdução	1
2	Orquestras Portuguesas	3
2.1	Orquestra da Gulbenkian	3
2.2	Orquestra Sinfónica da Casa da Música	4
2.3	Orquestra Filarmonia das Beiras	5
3	Bandas Filarmónicas	6
3.1	O que é uma Banda Filarmónica	6
3.2	As Origens das Bandas Filarmónicas em Portugal	7
3.3	A Função Social e Educativa das Bandas Filarmónicas	7
3.4	O Papel das Bandas Filarmónicas nas Festividades e Eventos Culturais	8
3.5	A Sustentabilidade e os Desafios das Bandas Filarmónicas	8
3.6	Exemplos de Bandas Filarmónicas Portuguesas:	9
3.6.1	União Filarmónica do Troviscal	9
3.6.2	Banda Sinfónica da Associação Recreativa e Musical, Amigos da Branca	9
3.6.3	Sociedade Musical Fafense – Banda de Golães	10
4	Diferenças entre as Orquestras e as Bandas Filarmónicas e a posição atual dos Naipes nas Orquestras	12
5	Conclusões	14

Lista de Tabelas

4.1	Comparação entre Orquestra e Banda Filarmónica.	12
-----	---	----

Lista de Figuras

4.1	Disposição típica dos naipes numa orquestra moderna.	13
-----	--	----

Capítulo 1

Introdução

A MC, em Portugal, tem uma longa e rica história, profundamente entrelaçada com o desenvolvimento cultural, social e político do país. Ao longo dos séculos, esta forma de expressão artística evoluiu, refletindo influências europeias e ibéricas, mas também desenvolvendo características próprias e artistas de renome que contribuíram para a diversidade do panorama musical português.

As raízes da MC em Portugal remontam à Idade Média, período em que a Igreja Católica desempenhava um papel fundamental na vida cultural e intelectual. Os primeiros registros de música erudita portuguesa surgem, em grande parte, sob a forma de cânticos religiosos e canto gregoriano. Durante o Renascimento, Portugal foi palco de um intercâmbio cultural intenso, especialmente com a Espanha, e desenvolveu-se um ambiente musical significativo em mosteiros e catedrais, que abrigavam compositores e músicos de grande talento. Compositores como Pedro de Escobar e Frei Manuel Cardoso destacaram-se nesta época, produzindo obras religiosas que integraram elementos próprios da tradição portuguesa com influências renascentistas.

O período barroco trouxe uma nova fase de esplendor para a MC portuguesa, marcada pelo desenvolvimento da polifonia e pela introdução de novos instrumentos musicais. Nessa época, compositores como João Lourenço Rebelo e Carlos Seixas ganharam notoriedade. Seixas, em particular, destacou-se pelas suas composições para cravo, sendo frequentemente comparado ao alemão *Johann Sebastian Bach*, devido à complexidade e à riqueza da sua obra. O barroco português também viu o surgimento de várias capelas e orquestras, especialmente nas cortes reais e em igrejas, que se tornaram centros de formação e difusão musical.

No século XVIII, a corte portuguesa, influenciada pelo estilo europeu, especialmente italiano, passou a valorizar grandemente a ópera e a música instrumental. Foi um período de intensa atividade musical, especialmente durante o reinado de D. João V, conhecido pelo seu apoio às artes. A construção do Real Teatro de Ópera do Tejo, em Lisboa, uma das mais luxuosas casas de ópera da Europa, simbolizou o auge desse período, embora tenha sido destruída pelo terremoto de 1755. Mesmo assim, a MC continuou a florescer, com compositores como Marcos Portugal, cujas óperas e obras sacras o tornaram conhecido internacionalmente.

Durante o século XIX, com a independência do Brasil e as mudanças políticas na Europa, Portugal enfrentou um período de instabilidade, mas a MC continuou a evoluir. Nesta época, o compositor português mais notável foi João Domingos Bomtempo, um pianista e compositor que fundou a Sociedade Filarmónica em Lisboa, contribuindo para a divulgação da MC e a formação

de músicos. A música sinfónica e de câmara ganharam força, acompanhando o desenvolvimento cultural do país.

No século XX, a MC em Portugal passou por um processo de modernização. Compositores como Luís de Freitas Branco e Fernando Lopes-Graça trouxeram novas ideias e influências para a música portuguesa, inspirados por correntes modernas da Europa. Freitas Branco foi pioneiro na introdução de técnicas impressionistas e neoclássicas, enquanto Lopes-Graça integrou elementos folclóricos portugueses nas suas obras, trazendo uma identidade nacional para a MC.

Hoje, a MC em Portugal continua a crescer, com várias Orquestras, que explanaremos no Capítulo 2, Bandas Filarmónicas, que explanaremos no Capítulo 3, festivais e instituições de ensino, como a Gulbenkian, a promover a educação musical e o trabalho de compositores e intérpretes portugueses. A MC ocupa um lugar de respeito e continua a ser uma parte fundamental da identidade cultural portuguesa, conectando tradições do passado com a inovação do presente.

Este documento está dividido em quatro capítulos. Depois desta introdução, no Capítulo 2, serão apresentadas as principais Orquestras de Portugal, bem como o seu campo de ação e características que as distinguem das demais. No Capítulo 3, irá ser apresentada a importância das Bandas Filarmónicas Portuguesas na cultura do seu país, tal como o seu plano de atividade e alguns exemplos de Bandas Filarmónicas. No Capítulo 4, irão ser perscrutadas as diferenças entre as Orquestras e as Bandas Filarmónicas. Finalmente, no Capítulo 5 são apresentadas as conclusões do trabalho.

Capítulo 2

Orquestras Portuguesas

As orquestras são conjuntos musicais compostos por diferentes instrumentos, organizados em naipes, que colaboram para criar interpretações ricas e complexas de obras musicais. Surgiram como formações estruturadas no período barroco, por volta do século XVII, evoluindo a partir de pequenos grupos instrumentais usados em cerimónias religiosas e cortes europeias.

Compositores como *Johann Sebastian Bach* e *Antonio Vivaldi* desempenharam papéis importantes no desenvolvimento da música orquestral. Durante o período clássico, nomes como *Mozart* e *Haydn* expandiram o formato da orquestra, consolidando sua configuração básica: cordas, madeiras, metais e percussão.

No romantismo, a orquestra atingiu seu auge em tamanho – veja a Figura 4.1 – e expressividade, com compositores como *Beethoven*, *Brahms* e *Tchaikovsky*. Atualmente, as orquestras sinfónicas e filarmónicas continuam a encantar o público, interpretando um repertório que vai do barroco ao contemporâneo, destacando-se como pilares culturais em todo o mundo.

Em Portugal, as orquestras desempenham um papel cultural significativo, preservando a tradição musical e promovendo o acesso à arte. Instituições como a Orquestra Gulbenkian e a CM enriquecem a cena cultural, educam novas gerações e celebram a identidade portuguesa, conectando o público à MC e contemporânea.

2.1 Orquestra da Gulbenkian

A **Orquestra Gulbenkian (OG)**, parte integrante da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1962[1], é uma instituição musical sediada em Lisboa, com uma configuração orquestral de cerca de 60 músicos permanentes. A sua estrutura permite adaptações em função das exigências de repertórios específicos, abrangendo desde música de câmara até produções sinfónicas de larga escala.

O repertório da OG abrange uma cronologia extensa, com ênfase em obras do período barroco até à hodiernidade. Paralelamente, mantém uma relação estreita com a criação musical portuguesa, promovendo obras de compositores nacionais e encomendando novas peças. Esta vertente é uma parte significativa da sua atividade, que combina a execução de repertório canónico com a promoção de música contemporânea.

No plano artístico, a direção da Orquestra tem sido confiada a maestros de renome internacional. Desde 2018, o maestro suíço *Lorenzo Viotti* é o diretor convidado, acompanhado por *Hannu Lintu*,

o maestro titular, que sucedeu a uma linhagem que inclui *Michel Corboz*, que orientou o desenvolvimento da vertente coral-sinfónica, e *Lawrence Foster*, cuja gestão reforçou o alcance internacional da orquestra. A relação entre a escolha de maestros e as direções artísticas reflete uma estratégia que privilegia a flexibilidade estilística e a qualidade interpretativa.

A OG desenvolve uma temporada regular no Grande Auditório da Fundação, complementada por apresentações em festivais nacionais e internacionais. A sua atividade artística inclui ainda a realização de gravações, algumas das quais produzidas em colaboração com editoras como *Deutsche Grammophon* e *Pentatone*, que registaram tanto repertórios clássicos quanto obras menos divulgadas.

Para além da sua vertente performativa, a Orquestra desenvolve uma atividade pedagógica significativa, com programas direcionados para a formação de novos públicos e a sensibilização musical de jovens. Este esforço pedagógico inclui concertos didáticos e *workshops*, realizados tanto no espaço da Fundação quanto em contextos externos.

Em síntese, a OG apresenta-se como um organismo artístico de carácter híbrido, combinando uma função interpretativa com uma missão educativa e cultural, tendo como base uma abordagem abrangente e flexível às exigências do repertório sinfónico e da música contemporânea.

2.2 Orquestra Sinfónica da Casa da Música

A **Orquestra Sinfónica da Casa da Música (OSCM)** é uma das mais prestigiadas instituições culturais de Portugal, sediada na emblemática Casa da Música (CM), no Porto. Criada em 2006[2], a orquestra rapidamente se destacou no panorama musical nacional e internacional, consolidando-se como um dos principais pilares da programação da CM.

Composta por músicos de excelência provenientes de várias partes do mundo, a OSCM oferece uma programação variada que abrange desde o repertório clássico e romântico até obras contemporâneas. Sob a direção de maestros convidados de renome e do maestro titular – no momento, *Stefan Blunier* –, que tem variado ao longo dos anos, a orquestra assume o compromisso de desafiar fronteiras musicais e oferecer experiências artísticas inovadoras ao público.

Um dos grandes destaques da OSCM é a sua versatilidade. Além dos concertos sinfónicos, a orquestra é frequentemente envolvida em colaborações interdisciplinares, combinando música com outras formas de arte, como dança e teatro. Este espírito inovador reflete a própria essência da CM, um espaço dedicado à promoção da criatividade e ao diálogo cultural.

A CM, projetada pelo arquiteto holandês *Rem Koolhaas*, oferece uma acústica de excelência que potencia o impacto dos concertos da orquestra. As suas salas de concerto, como a Sala *Suggia*, têm sido palco de momentos memoráveis protagonizados pela Orquestra Sinfónica, tanto em atuações individuais quanto em festivais temáticos que exploram diferentes estilos e períodos musicais.

Além disso, a orquestra desempenha um papel importante na educação musical. Com programas dedicados ao público jovem, ensaios abertos e iniciativas que aproximam a música erudita das comunidades locais, a OSCM contribui para a democratização do acesso à cultura, um dos principais objetivos da CM.

O reconhecimento internacional da OSCM tem crescido ao longo dos anos, com *tournées* e gravações aclamadas pela crítica. Esta projeção mundial reafirma o Porto como uma cidade de excelência cultural, onde a música desempenha um papel de destaque.

A OSCM é, assim, mais do que um grupo de músicos talentosos; é um símbolo da vitalidade cultural e do poder transformador da arte, inspirando audiências dentro e fora de Portugal.

2.3 Orquestra Filarmonia das Beiras

A **Orquestra Filarmonia das Beiras (OFB)** é o principal organismo artístico da Associação Musical das Beiras, uma entidade sem fins lucrativos presidida pela **Universidade de Aveiro**. Esta associação, composta por uma vasta rede de autarquias, universidades, escolas superiores e outras entidades culturais e económicas, visa promover a cultura e a educação musical na região das Beiras, que engloba mais de um milhão de habitantes.

Fundada em 1997[3], a OFB surgiu no âmbito de um programa governamental para a criação de uma rede de orquestras regionais em Portugal. O concurso público realizado pelo governo levou à fusão de dois projetos iniciais, Aveiro / Viseu e Coimbra / Leiria, num único projeto regional. A partir de um acordo inicial, que tem sido rigorosamente cumprido, a sede da Associação Musical das Beiras foi estabelecida em Aveiro, com órgãos sociais e a presidência da direção rotativos entre as diversas cidades envolvidas.

O primeiro concerto da OFB teve lugar a 15 de dezembro de 1997, sob a direção do Maestro Fernando Eldoro. Desde então, a orquestra tem realizado uma intensa programação, com mais de 1500 concertos e uma média anual de 75 apresentações. A sua atuação abrange mais de 70 municípios da região, atingindo um público superior a 120.000 pessoas. A OFB tem desempenhado um papel fundamental na oferta cultural da região, destacando-se pela qualidade dos seus concertos e pelo seu compromisso em aproximar a MC da população, especialmente as novas gerações, através de programas educativos.

A Orquestra é composta por 37 músicos profissionais e tem como principal objetivo promover e desenvolver a cultura musical na região das Beiras e em todo o país. A sua programação abrange uma vasta gama de repertórios, com destaque para as obras de compositores portugueses como Alexandre Delgado, António Vitorino de Almeida, Domingos Bomtempo, Eurico Carrapatoso, Joly Braga Santos, Manuel Dias de Oliveira, Sérgio Azevedo e Vasco Pearce de Azevedo. A OFB também tem dado especial atenção à inclusão de novos talentos, convidando jovens músicos para se apresentarem como solistas, ao mesmo tempo que trazem músicos de renome internacional para enriquecer a sua programação.

A qualidade artística da OFB é amplamente reconhecida, o que tem levado a orquestra a ser convidada para participar nos principais festivais de música do país, como os de Algarve, Aveiro, Évora, Gaia, Leiria e Póvoa do Varzim. A sua atuação tem sido marcada pela colaboração com maestros de renome como *Max Rabinovitsj*, *Patrick Gallois*, Fernando Eldoro, *Gerhard Samuel*, *Ernst Schelle*, António Saiote, *Jean-Marc Burfin*, Cesário Costa e Vasco Pearce de Azevedo. Sob a direção artística de Jan Wierzbza, a orquestra mantém o seu compromisso com a promoção da música de qualidade, tanto no repertório clássico como contemporâneo, com uma forte componente pedagógica e de inovação.

Capítulo 3

Bandas Filarmónicas

As **Bandas Filarmónicas (BFs)** têm uma importância significativa na cultura portuguesa, sendo um dos pilares da tradição musical do país. Embora o conceito de BF seja comum em diversas partes do mundo, em Portugal elas ocupam uma posição única, tanto pelo seu caráter tradicional quanto pela sua capacidade de adaptação e modernização ao longo do tempo. Este fenómeno musical tem raízes profundas na história de Portugal, ligando-se a contextos sociais, religiosos e culturais. Ao longo dos séculos, as BFs desempenharam um papel essencial na promoção da música e na coesão social das comunidades, sendo um símbolo de identidade local e regional.

3.1 O que é uma Banda Filarmónica

Uma Banda Filarmónica (BF) é uma formação musical composta predominantemente por instrumentos de sopro (como flautas, clarinetes, saxofones, trompetes e trombones) e instrumentos de percussão. Em contraste com uma orquestra sinfónica, que inclui a família das cordas e outros instrumentos, as bandas filarmónicas concentram-se apenas nos instrumentos de sopro e percussão, com algumas variações no número e tipo de instrumentos de acordo com o repertório ou a tradição da BF em questão.

Para uma melhor distinção das características das Orquestras e das BFs, constata-se a Tabela 4.1.

As BFs podem variar em tamanho, com formações pequenas compostas por uma dezena de músicos ou grandes agrupamentos com mais de 50 membros. Além disso, as BFs têm uma característica distintiva: são, em grande parte, formadas por músicos amadores ou semi-profissionais, ao contrário de outras formações musicais (como as apresentadas no Capítulo 2), que costumam ser compostas principalmente por músicos profissionais. Apesar disso, o nível de excelência e dedicação das BFs é elevado, e muitas delas são reconhecidas pelo seu elevado desempenho artístico.

Na sua maioria, as BFs em Portugal têm uma forte componente **social** e **educativa**, o que as distingue de outras formações musicais. São, em muitos casos, um ponto de encontro para os membros da comunidade, onde jovens e adultos de diferentes origens sociais e culturais se reúnem para aprender e praticar música, ao mesmo tempo que contribuem para o enriquecimento cultural local. Esta relação estreita com a comunidade e com as tradições musicais tem sido um dos pilares da sua longevidade.

3.2 As Origens das Bandas Filarmónicas em Portugal

As BFs surgiram em Portugal durante o século XVIII (a sua grande maioria, sem embargo, no século XIX), no contexto de uma sociedade que, em grande parte, não tinha acesso a outras formas de cultura erudita, como a música de câmara ou as grandes orquestras (Capítulo 2). As **BFs** passaram a desempenhar um papel crucial na educação musical popular, aproximando a música de concertos públicos e festividades. Elas estavam intimamente ligadas a **festas religiosas** e **eventos cívicos**, particularmente nas pequenas vilas e aldeias, e tornaram-se um dos principais meios de acesso à música para as classes populares.

O termo «filarmónica», em bandas desse período, está relacionado com a ideia de «amor à música» (do grego *philos*, «amor», e *harmonia*, «harmonia»), uma ideologia que refletia a função social das BFs de promover a cultura musical na comunidade. Essas bandas eram frequentemente associadas a **festas religiosas**, como as festas de Nossa Senhora da Conceição, e a outros momentos cívicos, como desfiles e celebrações patrióticas, desempenhando um papel simbólico de união e identidade para as comunidades em que atuavam.

Durante o século XX, com o avanço das tecnologias e a maior democratização da educação musical, as BFs continuaram a crescer e a evoluir. Enquanto muitas bandas mantiveram a sua ligação com as festas e as tradições religiosas, outras começaram a explorar reportórios mais diversos, incorporando estilos musicais mais contemporâneos, como o *jazz* e a música popular. Esta adaptação à modernidade permitiu às BFs manterem-se relevantes, não apenas no contexto das festas populares, mas também em espaços de música erudita e concertos clássicos.

3.3 A Função Social e Educativa das Bandas Filarmónicas

As BFs desempenham um papel de grande importância na educação musical em Portugal, funcionando como verdadeiros polos de **formação musical**. Muitas dessas bandas têm **Escolas de Música** associadas, onde jovens de várias idades e origens podem aprender a tocar instrumentos de sopro e percussão. Este sistema de ensino musical oferece uma formação de base para muitos músicos amadores que, com o tempo, podem se tornar músicos semi-profissionais ou profissionais. Em algumas BFs, é possível iniciar a aprendizagem musical desde a infância, proporcionando uma continuidade geracional de músicos e contribuindo para a preservação das tradições musicais locais.

As BFs também desempenham um papel importante na formação de públicos para a música erudita, especialmente em comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos, onde o acesso a outras formas de cultura musical pode ser mais limitado. Muitas BFs realizam concertos didáticos, apresentações em escolas e outras atividades educativas que têm como objetivo sensibilizar as novas gerações para a MC, popular e tradicional, criando uma ligação entre os músicos e o público jovem.

A função social das BFs vai além da educação musical, estando, outrossim, ligada à **coesão comunitária**. As BFs frequentemente atuam como espaços de socialização e de construção de identidade local, reunindo pessoas de diferentes idades e classes sociais, que partilham o gosto pela música e pela cultura. As BFs tornam-se, destarte, em muitos casos, uma forma de resistência cultural, preservando tradições locais, mas também sendo capazes de inovar e integrar elementos culturais contemporâneos.

3.4 O Papel das Bandas Filarmónicas nas Festividades e Eventos Culturais

As **BFs** estão profundamente associadas às **festas populares** e aos **eventos cívicos** em Portugal. Elas desempenham um papel fundamental nas festividades religiosas, como as Festas de Nossa Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, ou as Festas da Santa Marinha, em Forjães – Esposende, bem como em outras celebrações cívicas, como os desfiles e as festas patrióticas. A música das bandas é, nestes contextos, uma forma de exprimir a devoção religiosa, o sentimento de comunidade e a identidade local.

As **BFs** têm, também, uma presença marcante em **Festivais de Música** e em **Concursos**, sendo frequentemente convidadas para participar em festivais regionais e nacionais. Em muitos casos, as **BFs** tornam-se embaixadoras culturais das suas Regiões, promovendo a música portuguesa e dando visibilidade à cultura local. A presença das **BFs** nos principais **Festivais de Música** do país, como o Festival Internacional de Música de Lisboa, contribui para a projeção da sua importância no panorama cultural nacional.

Além disso, as **BFs** muitas vezes colaboram com outros agrupamentos musicais, incluindo orquestras, coros e grupos de dança, o que resulta na criação de programas artísticos diversificados e inovadores. Essas colaborações enriquecem o repertório das **BFs** e permitem que as tradições locais sejam integradas nas grandes celebrações culturais e artísticas.

3.5 A Sustentabilidade e os Desafios das Bandas Filarmónicas

Apesar da sua importância cultural e social, as **BFs** enfrentam uma série de desafios. A **sustentabilidade financeira** é um dos principais obstáculos, uma vez que muitas bandas dependem de subsídios públicos, donativos privados e contribuições de membros da comunidade. A falta de financiamento adequado pode limitar a sua capacidade para manter a sua estrutura, oferecer educação musical de qualidade e desenvolver novos projetos.

Além disso, a **renovação geracional** é outro desafio significativo. Muitas **BFs** enfrentam dificuldades em atrair jovens músicos para as suas fileiras, especialmente num contexto em que outras formas de entretenimento, como a música *pop* e as tecnologias digitais, competem pela atenção dos jovens. No entanto, muitas bandas têm respondido a esse desafio com programas educativos inovadores e uma maior abertura a repertórios contemporâneos, atraindo um público mais jovem e diversificado.

Apesar desses desafios, as **BFs** continuam a desempenhar um papel vital na **Cultura Portuguesa**, preservando e promovendo a música tradicional, ao mesmo tempo que se adaptam às exigências da modernidade. Representam uma parte crucial da identidade cultural das comunidades em que atuam e continuam a ser um reflexo da vitalidade e da criatividade da música popular em Portugal.

3.6 Exemplos de Bandas Filarmónicas Portuguesas:

Irão, de seguida, ser apresentados alguns exemplos de BFs Portuguesas.

3.6.1 União Filarmónica do Troviscal

A história da música no Troviscal remonta a 1911[4], quando um professor de ensino primário, José de Oliveira Pinto de Sousa, decidiu ensinar música às crianças locais no período da tarde, após as aulas regulares. Dessa iniciativa nasceu a Banda Escolar do Troviscal, que rapidamente ganhou notoriedade em todo o país. Além do reconhecimento artístico comprovado por prémios em certames nacionais, a BF ficou marcada por um intenso confronto com a Igreja Católica, que culminou na sua excomunhão pelo Bispo de Coimbra, em novembro de 1922. Apesar do seu prestígio, a BF encerrou as suas atividades em 1942.

Décadas depois, em 1989, um grupo de jovens locais incentivou Dr. Silas de Oliveira Granjo, neto de José de Oliveira, a reanimar a tradição musical da região. Dessa iniciativa nasceu a **União Filarmónica do Troviscal (UFT)**. Inicialmente formada por jovens de 6 a 14 anos, a BF rapidamente tomou forma, e em poucos meses os primeiros concertos foram realizados. Assim começou uma nova etapa, marcada pela dedicação ao ensino de música e pela busca constante de qualidade artística.

A UFT estreou internacionalmente em 1989, ao participar no Festival *Purmerade*, na Holanda, obtendo avaliações de destaque e vencendo o concurso de solistas. Em 2000, recebeu o título de instituição de utilidade pública e, no ano seguinte, apresentou-se no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, além de realizar concertos na França e na Espanha. Em 2002, retornou ao festival *Purmerade*, onde recebeu a classificação de «excelente» e conquistou o primeiro lugar na categoria de concerto, além de prémios individuais para solistas.

Em 2004, a UFT representou Portugal no Festival Internacional de Bandas na República Checa. Desde então, tem participado em Festivais e eventos em Portugal e no exterior, organizando também, desde 2002, o Festival Ibérico de Bandas.

Em 2008, venceu o primeiro prémio no prestigiado Certame Internacional de Bandas de *La Sénia*, na segunda categoria.

Um marco importante ocorreu em 2011, com uma *tournee* pelo Extremo Oriente, incluindo apresentações em Macau, *Hong Kong* e *Taiwan*, na Conferência de Bandas da *WASBE*. Dessa viagem, resultaram um CD e um DVD produzidos pela *Mark Records*. Sob a direção artística do Dr. André Filipe Oliveira Granjo – desde 2001 –, a BF mantém a sua escola de música ativa e um compromisso com a excelência, destacando-se no cenário das BFs amadoras.

3.6.2 Banda Sinfónica da Associação Recreativa e Musical, Amigos da Branca

A **Associação Recreativa e Musical, Amigos da Branca (ARMAB)**, fundada a 3 de março de 1940[5], é uma instituição cultural de destaque na região e em Portugal. Inicialmente criada sob a égide da Igreja, a ARMAB visava solenizar cerimónias litúrgicas e animar festas religiosas, tendo como principal impulsionador o Padre Manuel Valente dos Santos Conde. Os fundadores da associação, entre eles António Pires Ladeira, Serafim da Silva Batista e Manuel Vale Frias, desempenharam um papel central na sua estruturação e nos seus primeiros passos.

Ao longo de mais de oito décadas, a ARMAB passou por períodos de maior e menor vitalidade. Contudo, a partir da década de 1980, verificou-se uma trajetória contínua de crescimento e profissionalização. Este progresso foi impulsionado por uma gestão aprimorada dos recursos humanos e materiais, refletindo-se tanto na formação musical quanto no desempenho artístico. Este desenvolvimento consolidou a ARMAB como uma referência no panorama musical português, sendo considerada, por muitos, como o expoente máximo filarmónico em Portugal.

A estrutura da ARMAB inclui várias formações musicais e pedagógicas, como a Banda Sinfónica, a Academia de Música, a Orquestra Juvenil, a Orquestra Mini, o quinteto de sopros *Sine Nomine* e o quarteto de saxofones *SAXa4*. Entre estas, destaca-se a Banda Sinfónica como o expoente máximo da Associação, reconhecida pelo seu elevado nível artístico e técnico. Sob a direção do atual maestro e diretor artístico, Dr. Paulo Martins, a Banda Sinfónica da ARMAB tem diversificado o seu repertório e métodos de trabalho, conquistando novos públicos e explorando obras de estilos variados, desde transcrições de autores clássicos até composições contemporâneas.

A Banda Sinfónica mantém a tradição das romarias e festas religiosas, mas também aposta em concertos em auditórios e na participação em concursos de grande prestígio. Entre os prémios mais notáveis estão o 1.º lugar no *Certamen Internacional de Bandas de Música de Villa de Altea* (2007 e 2014) e no *Concurso Internacional de Bandas – Ateneu Vilafranquense* (2008, 2012 e 2014), além da sua participação no *World Music Contest*, em Kerkrade, Países Baixos (2009). Em 2018, alcançou o 1.º lugar na 1.ª Categoria do *Certamen Internacional de Bandas de Música Ciudad de Valência*.

Em 2010, a Banda Sinfónica da ARMAB lançou o álbum *La Mer*, editado pela afamada *Molenaar Edition*, consolidando a sua presença no mercado internacional de música para bandas. Com uma história rica e uma visão progressista, a ARMAB continua a ser um exemplo de excelência na música sinfónica em Portugal.

3.6.3 Sociedade Musical Fafense – Banda de Golães

A **Banda de Golães (BG)**, também conhecida como **Sociedade Musical Fafense**, é uma das mais antigas e prestigiadas BFs de Portugal, com raízes históricas que remontam a 1770[6]. A sua origem está documentada nos arquivos paroquiais de Golães, onde se encontra a referência a uma banda musical associada às festividades religiosas da freguesia. Acredita-se que a génese desta BF tenha sido impulsionada pelos irmãos sacerdotes Coelho de Barros, que também fundaram a capela pública local.

Já no final do século XVIII e início do século XIX, a BG desempenhava um papel relevante nas celebrações religiosas, tendo começado a ganhar notoriedade. A sua estrutura instrumental evoluiu ao longo do tempo, tornando-se mais diversificada e enriquecida em termos de timbres e naipes. No século XIX, a BF enfrentou momentos marcantes, como a trágica morte de Clementino Coelho de Barros, em 1891, que abalou a organização. Apesar disso, em 1895, foi escolhida como a BF oficial da jovem corporação dos Bombeiros Voluntários de Fafe, um reconhecimento do seu impacto social e cultural no concelho.

No início do século XX, surgiram tentativas de fusão entre as várias BFs de Fafe, incluindo a BG e a BF de Revelhe, para formar uma única banda no concelho. Contudo, divergências de última hora impediram a concretização do plano, resultando num enfraquecimento temporário da BG, que perdeu músicos e maestros proeminentes. Mesmo assim, a instituição mostrou resiliência, com o apoio de líderes dedicados como Cândido Mota e Aníbal José Rodrigues.

Em 1944, a BG desvinculou-se oficialmente dos Bombeiros Voluntários de Fafe, retomando a

sua designação original. Para consolidar o apoio à BF, foi fundada em 1958 a Sociedade Artística Musical Fafense, que lhe conferiu personalidade jurídica. Desde então, a BF tem mantido uma presença contínua na vida cultural de Fafe, sendo distinguida, em 1973, pelo Presidente da República com o título de Membro Honorário da Ordem de Benemerência, um reconhecimento único no Norte de Portugal.

Atualmente, a BG é composta por cerca de 60 músicos e está sediada em Fafe. Sob a direção artística do maestro Filipe Fonseca, tem mantido um elevado padrão de qualidade musical, representando o seu concelho em eventos importantes, como o 1.º Encontro de Bandas do Vale do Ave, em 1998. Em 2002, a banda lançou o seu primeiro CD, um marco que reflete o seu compromisso com a preservação e divulgação do seu património musical. Em Novembro de 2018, a BG colhe, da sua participação no V Concurso de Bandas Filarmónicas de Braga, todos os prémios em disputa: 1º prémio da classificação geral; prémio *Afinaudio*, para a melhor BF do distrito de Braga; e prémio Batuta de Prata para o seu maestro Filipe Fonseca, que elege o melhor maestro das BFs a concurso no Certame.

Com mais de dois séculos de história, a BG continua a ser um símbolo de resiliência, tradição e excelência na cultura musical portuguesa, inspirando novas gerações de músicos e enriquecendo a vida cultural do concelho de Fafe e das BFs, em geral.

Capítulo 4

Diferenças entre as Orquestras e as Bandas Filarmónicas e a posição atual dos Naipes nas Orquestras

	Orquestra	Banda Filarmónica
Instrumentação	Inclui instrumentos de cordas (violinos, violas, violoncelos, contrabaixos), sopro (madeiras e metais) e percussão.	Composta exclusivamente por instrumentos de sopro (madeiras e metais) e percussão.
Origem	Deriva das capelas e grupos instrumentais do período barroco europeu.	Surgiu no século XVIII, frequentemente ligada a festividades religiosas e eventos cívicos.
Repertório	Obras sinfónicas e de câmara, incluindo música clássica, romântica e contemporânea.	Repertório eclético, incluindo transcrições de música clássica, marchas, e composições para bandas.
Função principal	Apresentações em salas de concerto e óperas, com ênfase em performance artística.	Envolvimento em festividades locais, eventos ao ar livre e concertos educativos.
Dimensão	Geralmente entre 60 a 120 músicos.	Variável, entre 30 e 70 músicos.

Tabela 4.1: Comparação entre Orquestra e Banda Filarmónica.

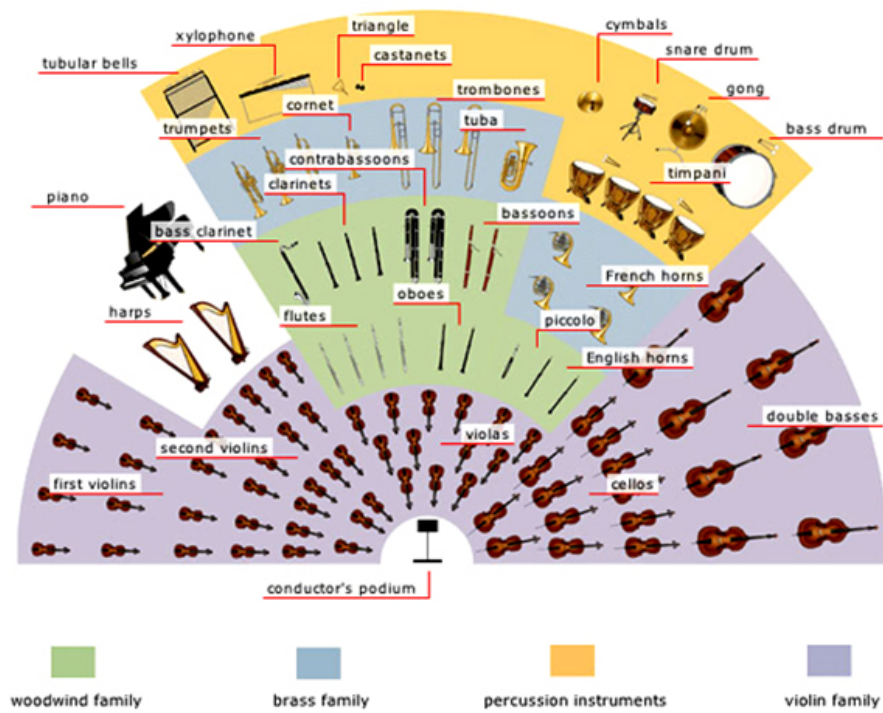


Figura 4.1: Disposição típica dos naipes numa orquestra moderna.

Capítulo 5

Conclusões

A MC, em Portugal, tem uma longa e rica tradição, que se reflete tanto nas orquestras como nas BFs, elementos essenciais do panorama musical do país. Instituições como a OFB destacam-se pela promoção de reportórios diversos e pela integração de novos talentos, enquanto as BFs desempenham um papel crucial na educação musical e na coesão social das comunidades, preservando tradições e adaptando-se à modernidade. Embora as BFs e orquestras enfrentem desafios, como a sustentabilidade financeira e a renovação geracional, elas continuam a ser pilares da cultura portuguesa, promovendo a MC em contextos educativos, festivais e eventos culturais. Este dinamismo garante que a música clássica, em Portugal, não apenas se preserve, mas também se reinvente, mantendo a sua relevância e importância no panorama cultural contemporâneo.

Contribuições dos autores

Autores:

- Guilherme Graça (GC).
- Nelson Ramos (NR).

Percentagem de contribuição de cada autor: **GC** 50%, **NR** 50%.

Repositório GitHub: infor2024-ap-g56.

Acrónimos

NR	Nelson Ramos
MC	Música Clássica
GC	Guilherme Graça
OG	Orquestra Gulbenkian
OSCM	Orquestra Sinfónica da Casa da Música
CM	Casa da Música
OFB	Orquestra Filarmonia das Beiras
BF	Banda Filarmónica
BFs	Bandas Filarmónicas
UFT	União Filarmónica do Troviscal
ARMAB	Associação Recreativa e Musical, Amigos da Branca
BG	Banda de Golães

Bibliografia

- [1] F. C. Gulbenkian, *Orquestra Gulbenkian - Página Oficial*, <https://gulbenkian.pt/musica/orquestra-gulbenkian/>, Acesso em 28 de novembro de 2024., 2024.
- [2] C. da Música, *Orquestra Sinfónica da Casa da Música*, https://casadamusica.com/resident_group/orquestra-sinfonica-do-porto-casa-da-musica/, Acesso em 28 de novembro de 2024., 2024.
- [3] O. F. das Beiras, *Orquestra Filarmonia das Beiras*, <https://orquestradasbeiras.com/>, Acesso em 28 de novembro de 2024., 2024.
- [4] U. F. do Troviscal, *UFT*, <https://uft.bandafilarmonica.pt/uft/>, Acesso em 28 de novembro de 2024., 2024.
- [5] A. d. B. Associação Recreativa e Musical, *ARMAB*, <https://armab.pt/>, Acesso em 28 de novembro de 2024., 2024.
- [6] C. M. de Fafe, *Banda de Golães – Fafe*, <https://www.cm-fafe.pt/artigo/banda-de-golaes>, Acesso em 28 de novembro de 2024., 2024.